

1

INTRODUÇÃO

Uma noite, no decurso de um jantar realizado em minha casa, o historiador Henry Kamen disse-me: «Deverias escrever um livro.» Eu sorri educadamente, mas não respondi. Na realidade, já anteriormente me tinham feito este convite e, além disso, os escritores lançam por vezes este tipo de frases apenas para fazer conversa. Em minha casa, por onde passam muitos destes senhores, uma frase deste estilo não era uma novidade; deve tratar-se de um vício próprio dos escritores.

Para dizer a verdade, eu próprio já tinha a ideia, embora tenha resistido muito a esta tentação, em primeiro lugar porque acreditava que, de algum modo, traía a regra da discrição própria dos Médicis. No entanto, o impulso definitivo chegou-me quando um amigo editor me disse que estaria interessado em publicar um livro meu para conhecer a versão íntima dos factos, nomeadamente aquilo que os livros de história não contemplam. Assim, aconteceu que, quase sem querer, dei comigo a escrever este livro.

Ao princípio, pensava redigir apenas algumas notas e não escrever verdadeiramente um livro. Mas depois deixei-me levar. Folha após folha, dei-me conta de que havia muitas coisas para contar. É sempre difícil escrever sobre a própria família e ainda mais sobre esta família.

Por vezes, tenho a sensação de que escrevo palavras demasiado enfáticas; mas, mesmo ao querer emendar-me e assumir um perfil mais modesto, dei-me conta, ao escrever, e sobretudo ao ler o que se escreveu sobre nós, que não é possível escrever sobre esta família sem usar o tom e as palavras que mais se lhe adequam. Quem vê os factos «de dentro» não pode ter a mesma visão que quem os vê «de fora».

Nem tem de dizer que os factos históricos concretos, os propriamente históricos, mais do que amplamente documentados, continuam a ser sempre factos históricos. Podem ser olhados com maior ou menor benevolência, mas não modificados. Assim, é certo que não se pode reescrever a história, mas pode-se relê-la e, deste modo, reinterpretá-la sob uma nova luz.

Não pretendo, pois, reescrever a história. Mais modestamente, aspiro a pôr ao alcance de quem ainda não a conheça a história de uma família que geralmente se ouviu citar mas que, na realidade, não se conhece muito. Fi-lo através de um texto de divulgação, que esteja ao alcance de todos, onde conto diversos episódios de uma família muito popular mas, paradoxalmente, pouco conhecida na sua intimidade. Uma família que teve uma importância determinante na história da Europa e que soube sobreviver ao seu próprio passado. Não há dúvida de que é imprescindível conhecer o papel desempenhado por esta família para poder entender a sua importância; por que razão, ainda hoje, o seu nome sobrevive e é sinónimo de grande prestígio, magnificência e mecenato.

Nas páginas seguintes tentarei explicar como, graças à iniciativa desta família, se pôde verificar a evolução desde o obscurantismo da Idade Média até ao Iluminismo do século XVIII. Sem a contribuição determinante dos Médicis, talvez as coisas tivessem sido muito diferentes. Porque para entender realmente por que razão os Médicis permanecem na atualidade tão vinculados à história é necessário ter uma visão, ainda que limitada, de como era o mundo de então e de qual foi o papel que esta família desempenhou para o modificar. Só então se

poderá entender por que razão os Médicis tiveram uma influência tão grande¹.

Escreveu-se muito sobre os Médicis, razão pela qual se perdeu a conta daqueles que, nos últimos seiscentos anos, ficaram fascinados por eles; o certo é que esta família soube estimular, mais que qualquer outra, a imaginação de quem entrou em contacto com ela, direta ou indiretamente. É evidente que o nosso nome ficará unido para sempre ao Renascimento, à Toscana e, nomeadamente, a Florença. E assim ficará eternamente já que, com doações que superam todos os limites da imaginação, feitas geração após geração, os Médicis transformaram o que foi capital do seu senhorio na cidade hoje reconhecida universalmente como um dos berços mundiais da cultura, da arte e, por extensão, da história cultural do Ocidente.

Além de oferecer uma versão sintetizada, na medida em que me for possível, da história geral da dinastia, optei por descrever apenas alguns dos seus personagens, dos quais uns são muito conhecidos e outros praticamente desconhecidos pelo grande público; a este respeito, devo confessar que estes últimos são os meus preferidos. Como poderão comprovar, dediquei muito poucas linhas ao meu ilustre homónimo Lourenço de Médicis, conhecido como Lourenço, *o Magnífico*, o membro mais famoso da família, pois sobre ele, tal como sobre Catarina de Médicis e Maria de Médicis, as duas rainhas de França, escreveu-se muitíssimo, tendo-lhes sido dedicados numerosos livros em todas as línguas. Isso não impede que esteja consciente de que não lhes faço justiça porque, por exemplo, só Lourenço de Médicis mereceria um livro.

Não obstante, se com esta obra conseguir despertar no leitor alguma curiosidade, um desejo de saber mais sobre o tema, terei alcançado o meu objetivo. Consultando a enorme bibliografia que nos últimos séculos foi dedicada à minha família, pode-se aprender muito sobre a

¹ Ver o capítulo «O Renascimento».

história, o mecenato e a arte do Renascimento, que tanta influência teve nos séculos seguintes. É claro que se os Médicis conseguiram ser tão famosos ao longo dos séculos, ao ponto de justificar que a sua história seja ensinada nas escolas e nas universidades, por alguma razão será. Uma demonstração da sua enorme atualidade é a busca na Internet do nome «Médicis», que tem mais de 603 mil sítios. É evidente que não tive tempo nem coragem para os ver todos, embora, na sua generalidade, as informações que oferecem sejam bastante superficiais e um tanto tendenciosas.

Dividi este livro em vários capítulos, seguindo sempre a ordem cronológica. A primeira parte vai do século IX ao século XVIII, desde a origem da família, com as suas lendas, as pequenas anedotas sobre o nome, o escudo, até à sua história em geral. Intcalei secções dedicadas a alguns personagens pelos quais sinto uma simpatia especial, como Ana Maria Luísa e as suas doações ao Estado de Toscana, assim como uma breve descrição do Renascimento que permita situar melhor os factos. Explico acontecimentos que se produziram na sucessão ao trono grão-ducal; porque não foi eleito um membro da mesma dinastia para suceder ao último grão-duque Médicis, João Gastão I, que foi substituído após a sua morte pelo membro de uma nova dinastia, a dos Lorena. Do mesmo modo, procurei tornar compreensíveis as complicadas e imbricadas relações consanguíneas da Casa dos Médicis com as outras casas governantes.

Na segunda parte, centro-me na vida quotidiana em que se converteu a nossa história desde 1700 até hoje. Trata-se de algo que não é contado nos livros de história. Explico o que sucedeu às últimas gerações, as imediatamente anteriores à minha, encerrando o século XX com os meus pais e as minhas recordações de infância. Trata-se do testemunho de acontecimentos vividos e conhecidos em primeira mão, relatos ouvidos em casa, bem como relatos de pequenos acontecimentos quotidianos. Devo dizer que omiti voluntariamente alguns nomes, de pessoas, de lugares e de povoações. Fi-lo por deferência para com os

diferentes ramos da família, que têm direito à sua vida privada, tanto pelos vínculos de parentesco que me unem a elas como pelo profundo respeito que me infundem as pessoas que vivem hoje nos lugares onde se desenrolam os factos.

Para escrever este livro, ao não querer confiar apenas na minha memória, sobretudo no que diz respeito a datas e à cronologia dos factos, servi-me de diversos livros dedicados à minha família, de historiadores e escritores de certo peso, aos quais faço referência nestas páginas. De facto, na minha biblioteca tenho umas quantas centenas desses livros, pelo que seria impossível mencioná-los todos. Alguns deles foram herdados; outros foram-me amavelmente oferecidos pelos editores e outros comprei-os diretamente.

Procurei, pois, anotar, sempre com máximo rigor, qualquer referência a outros livros nas notas de pé de página; certamente por o considerar uma obrigação moral, mas também para convidar quem estiver interessado a consultar o texto original. A bibliografia dos Médicis é composta por cerca de mil títulos. Só consultei uns quantos. Nem vale a pena referir que há a possibilidade de ter esquecido alguma obra significativa; se assim for, peço antecipadamente desculpa ao autor. Pondo de lado as raras exceções, muitos dos livros de história aqui citados têm em comum uma característica singular: neles, escreve-se sobre os Médicis como se se tratasse de uma dinastia extinta. Esta singularidade provém do facto que os autores destes livros se dedicaram a referir apenas os factos que dizem respeito aos dois ramos principais da família, os chamados «históricos»; isso deveu-se, efetivamente, a que foram estes que deram maior fama à família. A história destes dois ramos terminou em 1743, com a morte de Ana Maria Luísa de Médicis, a quem dedico um capítulo.

Mas a denominação de família «extinta» não é de todo correta do ponto de vista puramente genealógico, embora de qualquer modo me pareça obrigatório recordá-lo aqui. O certo é que os ramos que sobreviveram até hoje não estão totalmente separados dos chamados

«históricos». Como veremos no texto, os casamentos cruzados com primos dos ramos colaterais, isto é, consanguíneos, revelam que os atuais componentes da família Médicis são, para todos os efeitos, descendentes diretos de Lourenço, o *Magnífico* ou do papa Clemente VII.

Sem querer considerá-la uma ligeireza por parte destes escritores, parece-me necessário, em benefício da maior exatidão histórica, que esta afirmação de «família extinta», feita um pouco ligeiramente e de forma demasiado generalizada, seja emendada.

No momento da chamada «extinção da família» decorria o ano da graça de 1743, ano da morte de Ana Maria Luísa de Médicis, última do ramo «grão-ducal». Naquela época, a família era composta, pelo menos, por outros seis ramos colaterais, todos aparentados entre si e com o indiscutível vínculo comum de ter a mesma origem. Quatro ramificações, agora distintas umas das outras, sobreviveram até aos nossos dias. Não existem, que eu saiba, novas relações consanguíneas entre nós. Trezentos anos de distância do último parente comum em certos casos, muitos mais noutros casos, contribuem para fazer de nós uns perfeitos desconhecidos uns dos outros. Em contrapartida, ao redigir o seu testamento, Ana Maria Luísa, a «última» dos Médicis, lembrou-se de mencionar como um dos seus beneficiários Pedro Paulo de Médicis, a quem faço referência mais adiante. Isso significa que se ela tivesse sido realmente a «última» Médicis, não teria podido fazê-lo.

Na história das dinastias europeias, aconteceu várias vezes que, uma vez extinto um ramo reinante, lhe sucedesse no trono o mais próximo, embora isso significasse uma mudança no nome da dinastia. Mas isso nada tem que ver com a extinção da família, no sentido genealógico do termo, já que ao último expoente sucedia o parente mais próximo. Não é esse o nosso caso, pois o apelido continuou a ser sempre o mesmo, Médicis, e foi passando de varão em varão, de geração em geração. Naturalmente, isso não significa que não devamos reconhecer, por fidelidade à exatidão histórica, que os ramos citados como «extintos», os chamados «grão-ducal» e «d'o *Magnífico*», não são efetivamente os principais.

Não é minha intenção abrir qualquer polémica com esta afirmação. É evidente que grande parte dos autores se interessaram exclusivamente pelos factos históricos dos ramos que tomaram em consideração e não por uma panorâmica mais ampla e genealógica. No entanto, sou da opinião que a genealogia, sendo uma ciência exata, estreitamente vinculada à história, é uma fonte de informação demasiado valiosa para não ser tida em conta.

Devo dizer também que no texto se faz muitas vezes referência, não só ao papa mas também a diversos soberanos da Europa e ao imperador. Por imperador entende-se, naturalmente, o único que havia na época na Europa, o chefe do Sacro Império Romano, que era eleito por uma assembleia de príncipes eleitores alemães, cujos domínios se estendiam entre a Alemanha e a Hungria, incluindo a Boémia, a Áustria e diferentes territórios situados no Norte e Centro da atual Itália. Ao longo do século XVI, os Habsburgos transformaram o processo eleitoral num ato simbólico, já que a sucessão se efetuava de pai para filho na ordem dos primogénitos. Além disso, na pessoa de Carlos V, citado várias vezes no texto, confluíram também, através dos direitos de sucessão, as coroas dos diferentes reinos de Espanha e suas possessões europeias e ultramarinas; mas essa é outra história.

Por último, recordarei a função do papa, que neste livro desempenha um papel muito importante, já que somos a única família em toda a história da cristandade que teve três. Para entender melhor os factos é necessário recordar que o papa tinha na época um papel determinante e muito diferente do de hoje. Como pontífice, gozava de uma influência predominante sobre as cabeças coroadas, enquanto como soberano o seu poder temporal era especialmente relevante, já que os seus Estados ocupavam grande parte da Itália Central.